

# O AGIR HUMANO A PARTIR DOS IMPERATIVOS CATEGÓRICOS

Lucas Calbi de Oliveira Costa<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo pretende demonstrar que o agir humano requer uma escolha, assim como a liberdade para decidir entre o certo e o errado, a partir das inclinações internas de cada indivíduo. E ainda, que este pensamento seja uma das grandes contribuições de Kant para a filosofia. Através da leitura kantiana, percebe-se que o homem é autor e sujeito de sua vida, e, ao mesmo tempo, tem o poder de ser um sujeito autônomo, com o agir categórico, que independe de qualquer outra coisa, além de que o seu valor está em si mesmo. Com isso, pode-se constituir os princípios universais.

**Palavras-chave:** Agir; dever; Imperativo Categórico.

**Abstract:** This article seeks to demonstrate that human action requires a choice and freedom to decide between right and wrong, from the internal inclinations of each individual. And yet, this thought is one of the great contributions of Kant's philosophy. Through Kantian reading, it is clear that man is the author and subject of his life and at the same time has the power to be an autonomous subject, with the hard-hitting action, which is independent of anything else, in addition to its value it is in itself. Thus, it may be the universal principles.

**Keywords:** Act; to owe; Categorical Imperative.

## Introdução

O pensamento de Kant é um marco para toda a modernidade, suas obras têm como ponto culminante a busca de uma moral que consiga conciliar “o conhecimento e a ação humana, circunscreve-se numa intencionalidade que procura justificar o pensamento puro, *a priori*, como fundamentação última do conhecimento verdadeiro e da moralidade.”<sup>2</sup> Neste sentido, a busca do que seja certo ou errado do agir humano não

---

<sup>1</sup> Lucas Calbi de Oliveira Costa, OCS é consagrado, Oblato de Cristo Sacerdote, aluno do 3º semestre do curso de filosofia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade Lorena.

<sup>2</sup> MIRANDA, Gilberto Júnior. Filosofia Geral. . Disponível em: <[http://filosofiageral.wikispaces.com/Fundamenta%C3%A7%C3%A3o+da+Metaf%C3%ADsica+dos+Costumes++Kant+\(Resenha\)](http://filosofiageral.wikispaces.com/Fundamenta%C3%A7%C3%A3o+da+Metaf%C3%ADsica+dos+Costumes++Kant+(Resenha))>. Acesso em: 28\05\2014

vai ser, em algo externo, a cada pessoa com perda da sua autonomia. Com os conceitos kantianos, o ser humano tem que ser sujeito de sua ação no mundo, como também tem que assumir sua responsabilidade.

Com isso, este artigo pretende mostrar que as relações externas em si mesmas não são capazes de preencher o ser humano em sua totalidade. Na verdade, as relações com o mundo, sem nenhum valor anterior a ele, ganham um caráter pragmático, no qual cada um visa uma ação egocêntrica, tendo como resultado o detrimento do ser humano.

Em meio a essa problemática, esse estudo procura investigar que dentro de cada pessoa tem algo de puro, digno, que leva cada um a uma atitude correta para com outro, o qual Kant chama de um dever, que perpassa um uma ordem prática, denominado imperativo categórico. Assim, a partir dele deve ser norteada a lei universal, que engloba toda uma visão de mundo marcada pela inclusão de todos os seres humanos, tendo em vista que esse imperativo além de ser um bem em si mesmo, visa o outro que está ao redor.

### **1. Agir Humano a Partir de Uma Visão Cosmopolita**

O ser humano é o único ser que possui a faculdade da racionalidade e que tem a capacidade de refletir sobre si mesmo, seus problemas, sua vida, sua existência. Essa faculdade permite ao homem se relacionar com o outro e se agrupar, formando uma microinstituição como família, e, macroinstituição como um país. No concernente a este último aspecto, o homem já nasce tendo de criar uma relação com essas instituições em razão da necessidade de desenvolvimento.

No homem (única criatura racional sobre a Terra) aquelas disposições naturais que estão voltadas para o uso de sua razão devem desenvolver-se completamente apenas na espécie e não no indivíduo. Numa criatura, a razão é a faculdade de ampliar não conhece nenhum limite para seus projetos. Ela, todavia, não atua sozinha de maneira instintiva, mas, ao contrário, necessita de tentativas, exercícios e ensinamentos para progredir, aos poucos, de um grau de inteligência a outro. (KANT, 2014, p.5)

---

Convém salientar que no começo da existência humana, a vida era um meio para sua subsistência, contudo, a cada instante em que o homem vencia os desafios impostos pelo meio, passava a deter uma maior liberdade.

A natureza quis que o homem tirasse inteiramente de si tudo o que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal e que não participasse de nenhuma felicidade ou perfeição senão daquela que ele proporciona a si mesmo, livre do instinto, por meio da própria razão. (KANT, 2014, p.6)

No entanto, a relação do homem com mundo não é simples. Como se pode observar a evolução histórica do ser humano, em cada momento do passado, ampliava os questionamentos sobre sua vida, sua existência, e uma questão bastante emblemática, é sobre seu agir. A cada fase evolutiva podemos compreender uma forma diferente do que seja o certo ou errado, assim o homem não é um ente fixo, mas, está sempre em um processo contínuo, de buscar algo que organiza sua vida. A partir do pensamento de Kant, percebemos que este processo está dentro da pessoa, em uma dimensão interna, no entanto, não de modo dependente, já que não somos como os animais que seguem seus instintos, “[...] Ele não deveria ser guiado pelo instinto, ou ser provido e ensinado pelo conhecimento inato; ele deveria, antes, tirar tudo de si mesmo [...]”. (KANT, 2014, p.8)

Dentro de cada pessoa há uma possibilidade de perceber e agir no mundo, como também uma problemática: o que é o certo no meio de tanta pluralidade? Essa pergunta tão complexa não tem como ser respondida sem adentrarmos em toda a dimensão cosmopolita de Kant. Ao mesmo tempo, algumas premissas já podem ser tecidas a exemplo do valor do trabalho do homem de tal modo a lhe garantir a subsistência e, assim, pouco a pouco o afastar de seus instintos naturais “Parece que a natureza não se preocupa com que ele viva bem, mas, ao contrário, com que ele trabalhe de modo a tornar-se digno, por sua conduta, da vida e do bem-estar.” (KANT, 2014, p.7). Então, a partir deste valor de dignidade o homem pode evoluir e se formar em sociedade por meio de associações.

O homem tem uma inclinação para associar-se porque se sente mais como homem num tal estado, pelo desenvolvimento de suas

disposições naturais. Mas ele também tem uma forte tendência a separar-se (isolar-se), porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável que o leva a querer conduzir tudo simplesmente em seu proveito, esperando oposição de todos os lados, do mesmo modo que sabe que está inclinado a, de sua parte, fazer oposição aos outros. (KANT, 2014, p.8)

Conforme a exposição acima, cada sujeito tem a autonomia de conseguir dialogar consigo mesmo e fazer uso de sua racionalidade, podendo, também, fazer suas escolhas, dentre as quais se destaca a capacidade de viver em conjunto, participando do meio onde vive e colaborando com o Estado. Ainda, há também a opção de o homem viver sua vida de modo simplesmente pragmático, na qual o que importa é o retorno para si mesmo de tal modo a ter uma vida de competição, de luta um contra o outro.

Nesse sentido, cada vez mais há a necessidade de uma moral a fim de nortear as relações, não apenas as subjetivas, mas até mesmo as relações dentro das instituições, a exemplo um Estado com outro com objetivo de bem comum, tal como o meio ambiente, que necessita de uma ação universal de preservação para uma justa igualdade entre os homens.

[...] de modo a poder coexistir com a liberdade dos outros; como somente nela o mais alto propósito da natureza, ou seja, o desenvolvimento de todas as suas disposições, pode ser alcançado pela humanidade, à natureza quer que a humanidade proporcione a si mesma este propósito, como todos os outros fins de sua destinação: assim uma sociedade na qual a liberdade sob leis exteriores, encontra-se ligada no mais alto grau a um poder irresistível, ou seja, uma constituição civil perfeitamente justa deve ser a mais elevada tarefa da natureza para a espécie humana, porque a natureza somente pode alcançar seus outros propósitos relativamente à nossa espécie por meio da solução e cumprimento daquela tarefa. [...] (KANT, 2014, p.10)

A ideia de que as leis devam ser comuns a todos é um desafio pertinente presente tanto na época de Kant como na atualidade. A cada momento de nossa realidade está presente uma política de exclusão, na qual reina um imperialismo dos países ricos sobre os mais fracos, um exemplo disso, é a globalização denunciada pela V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe, 2007, “A Globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres [...] fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas de tráfico de pessoas e

sequestros, [...] meninos e meninas vítimas de prostituição [...]” (Documento de Aparecida, 2008, n.407).

Certo é que as leis externas não visam a defesa de cada nação, o bem comum é esquecido, de tal modo que cada um defende uma constituição de defesa de sua pátria.

Este problema é, ao mesmo tempo, o mais difícil e o que será resolvido por último pela espécie humana. A dificuldade que a simples ideia dessa tarefa coloca diante dos olhos é que o homem é um animal que, quando vive entre outros de sua espécie, tem necessidade de um senhor. (KANT, 2014, p11).

A partir dessas considerações, neste ensaio, podemos assinalar algumas problemáticas muito profundas, que norteiam todo o agir humano e representam uma busca dentro de si mesmo, com o objetivo de criar relações que sejam justas, fraternas e que respeitem cada indivíduo na sua singularidade.

Ao mesmo tempo, algumas premissas já podem ser apontadas como instrumentos de soluções, dentre os quais temos a capacidade de racionalidade, a qual não nos permite movermos simplesmente pelos instintos, desse modo, temos autonomia. Outro ponto que merece destaque é a flexibilidade que temos para mudar a nossa história, visto que somos sempre sujeitos em construção com mundo e em contrapartida damos sentido a ele.

Não podemos deixar de mencionar que a filosofia também tem um papel importante nesse processo, ou seja, de refletir, de contribuir, de ser o universal para o mundo: “Uma tentativa filosófica de elaborar a história universal do mundo segundo um plano da natureza que vise à perfeita união civil na espécie humana deve ser considerada possível e mesmo favorável a este propósito da natureza”. (KANT, 2014, p.19).

## **2. O Agir Humano a Partir da Vida Prática**

Diante do que já foi exposto, percebemos que a busca daquilo que era o universal, está agora na investigação do ser humano. Kant faz uma longa investigação dentro da racionalidade, para tentar demonstrar as forças internas do ser humano.

Princípios práticos são preposições que encerram uma determinação geral da vontade, trazendo em si várias regras práticas. São subjuntivas, ou máximas, quando a condição é considerada pelo sujeito como verdadeiras unicamente para a sua vontade; são por outro lado, objetivas ou lei prática, quando a condição é conhecida como objetiva isto é válido para vontade de todo ser racional. (KANT, 2012, p.69).

Essas leis têm valor subjuntivo, regra de vida para cada pessoa, sendo que um deles, por exemplo, é o desejo da grande maioria de ser rico; nota-se que este valor não se aplica a todos os seres humanos, haja vista que não se poder afirmar que todos os homens tenham isso como preceito. Para Kant, isso corresponde às máximas, que são componentes do agir humano.

O mesmo acontece com os dons da fortuna. Poder, riqueza, honra, mesmo a saúde, e todo o bem-estar e contentamento com a sua sorte, sob o nome de felicidade, dão ânimo que muitas vezes por isso mesmo desanda em soberba, se não existir também a boa vontade que corrija a sua influência sobre a alma e juntamente todo o princípio de agir e lhe dê utilidade geral. [...] isto sem mencionar o fato de que um espectador razoável e imparcial em face da prosperidade ininterrupta dum pessoa a quem não adorna nenhum traço dum pura e boa vontade, nunca poderá sentir satisfação, e assim a boa vontade parece constituir a condição indispensável do próprio fato de sermos dignos da felicidade [...]. (KANT, 2003, p. 22).

É importante consignar que o desejo é algo que compõe cada indivíduo. Assim, o desejo de possuir uma fortuna, por exemplo, é observado e se faz presente em diversas pessoas, as quais no fim do ano enfrentam longas filas nas casas lotéricas para concorrerem com a mega-sena da virada, que só ano passado <sup>3</sup> “[...] foram vendidos mais de 104 milhões de bilhetes em todo o país e o valor total do prêmio superou a estimativa inicial da Caixa, que era de R\$ 200 milhões. No total, foram arrecadados R\$758,2 milhões desde o dia 11 de novembro, quando as apostas começaram”.

---

<sup>3</sup> **FARIAS, Michelle e Waldson Costa. Disponível em:**  
<http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/01/premiado-da-mega-sena-que-fez-jogo-em-maceio-fez-saque-em-outro-estado.html> acesso 3de abril de 2014

Outro aspecto que se observa é que esse desejo quase sempre está associado à felicidade, visto que é comum se pensar que ser feliz significa tudo que o dinheiro possa comprar. A partir disso, a impressão que temos é a de que o poder de compra que dá sentido à vida. Vale lembrar que, em nossa realidade, ser rico representa reconhecimento e prestígio.

Entretanto, esse poder de riqueza também pode despertar no ser humano outras faculdades, como a vontade de viajar, aproveitar a vida, conhecer novos lugares, ajudar o próximo, dentre outras. Assim como também, pode provocar no indivíduo a soberba, despertando um sentimento de indiferença com quem está ao seu redor bem como provocando no imaginário dessa pessoa, uma superioridade acima das outras pessoas.

Desse modo, percebemos que felicidade não está só mundo externo, mas ela remete ao mais íntimo de cada pessoa, na concretude de cada um. Kant pensa que a racionalidade vai decidir sobre uma ação no mundo, valendo-se ela de elementos que a compõem. Um deles é a boa vontade, a qual é algo inerente de cada pessoa no sentido de possuir, mas não determinar, cabendo a cada um fazer a escolha dela. Ela contribui para que o homem na ação com o externo não seja vencido pela vaidade, ou pelo simples prazer, mas dê sentido a sua vida por alguns princípios internos.

Com isso, constatamos que o que vai regular o agir humano de modo concreto e conduzir um universal, é algo próprio do ser humano. Assim, demonstrou-se que o agir guiado somente por regras práticas, não conduz à felicidade, mas sim, pode nos levar a um afastamento de quem está ao nosso redor, tal qual o sentimento da soberba. Assim, para poder chegar a um universal, a um agir autônomo, temos que continuar investigando os elementos da racionalidade.

### **3. Uma Boa Vontade**

Dentro desse artigo, há a busca daquilo que seja comum a cada pessoa, para que, a partir disso, possamos desenvolver algo que seja instrumento de condução para uma boa convivência na sociedade e, um deles, é a boa vontade, “Neste mundo, e até também fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: uma boa vontade.” (KANT, 2003, p.21) Para Kant, essa boa vontade, está ligada como o fazer o bem, e o bom uso de nossas faculdades.

Moderação nas emoções e paixões, autodomínio e calma reflexão são não somente boas a muitos respeitos, mas parecem constituir até parte de valor *íntimo* da pessoa; mas faltam ainda muito para as podermos declarar boas sem reserva (ainda que os antigos as louvassem incondicionalmente). Com efeito, sem os princípios duma boa vontade, podem elas tornar-se muitíssimo más, e o sangue-frio dum facínora não só o torna muito mais perigoso como o faz também imediatamente mais abominável ainda a nossos olhos do que o julgaríamos sem isso. A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou mesmo, se quiser, da soma de todas as inclinações. (KANT, 2003, p. 22).

A boa vontade está relacionada com o ato de se fazer algo sem ser movido apenas pela emoção, mas com o uso da racionalidade. A boa vontade contribui para que o agir de cada pessoa, seja feito com prudência e inteligência, partindo de um valor íntimo do indivíduo, no qual apenas ele pode dizer o grau de intencionalidade do seu ato. Daí poder também se admitir uma má ação como sendo uma boa vontade, porque se pode fazer uma coisa boa, contudo, estando mal-intencionado, ou seja, fazendo do seu gesto algo para seu próprio proveito, inclusive, algumas vezes com perversidade.

Diante disso, o que vai definir o ato como bom ou ruim é sua intencionalidade, visto que uma atitude má, movida pelas emoções do momento, pode ter uma extensão maior, entretanto, sua culpabilidade é menor por não estar em total domínio da sua consciência. Ao passo que um ato feito com uma boa vontade, mas, com uma má intenção tem culpabilidade maior, exatamente porque tem a consciência do ato, ainda que a extensão do ato seja menor.

Desse modo, percebemos que a boa vontade faz parte do íntimo de cada pessoa, no entanto, ela por si mesma não pode ser uma premissa para o universal, no qual tudo seja contemplado, mas sim, que seu valor se apresenta por ser o motor de uma ação, o que nos remete, ainda, buscar no íntimo de cada homem algo que leve um bem agir em si mesmo.

#### **4. O Dever**

De acordo com o que se discorreu, percebemos que a boa vontade pode estar ligada com uma utilidade posterior e a um bem em si mesmo, de tal modo que este

ensaio busque um bom senso em si mesmo a fim de que possa nortear o agir de cada pessoa. Ademais, como a boa vontade pode ter uma ligação com inclinações egoístas, ela não pode ser um instrumento gerador do bem universal.

Com isso, este artigo vai dar um passo além da boa vontade, no pensamento de Kant, e analisar o dever.

[...] **Dever** que contém em si o de boa vontade, posto que sob certas limitações e obstáculos subjetivos, limitações e obstáculos esses que, muito longe de ocultarem e tornarem irreconhecível a boa vontade os fazem antes ressaltar por contraste e brilhar com luz mais clara. (KANT, 2003, p.26)

Kant entende que o dever é um conceito *a priori* anterior à boa vontade, e por isso, ele vai orientar a boa vontade, sendo também definido como um “[...] bom senso, natural e que mais precisa ser esclarecido, do que ensinado, este conceito que está sempre no cume da apreciação de todo valor das nossas ações. [...]” (KANT, 2003, p.22). Sendo algo natural do ser humano, constitui uma ação boa que possa independe de qualquer outra inclinação ulterior, podendo-se ainda afirmar que seu valor é algo em si mesmo.

O pensamento kantiano esclarece que o dever está intimamente ligado à vida prática, a qual vai perpassar para formar a maneira como cada indivíduo lida com quem está a sua volta, distinguindo-se quando é a partir de um dever ou de uma atitude egoísta.

Pois é fácil então distinguir se a ação conforme ao dever foi praticada por dever ou com intenção egoísta. Muito mais difícil é esta distinção quando a ação é conforme ao dever e o sujeito é, além disso, levado a ela por inclinação imediata. Por exemplo: - É na verdade conforme ao dever que o merceiro não suba os preços ao comprador inexperiente, e, quando o movimento do negócio é grande, o comerciante esperto também não faz semelhante coisa, mas mantém um preço fixo geral para toda a gente, de forma que uma criança pode comprar em sua casa tão bem como qualquer outra pessoa. (KANT, 2003, p.27)

Com efeito, Kant demonstra a finalidade do dever, asseverando que este vem do ato mais íntimo de uma pessoa, que irá escolher como agir, seja por um dever ou por outra finalidade. Um gesto vindo de um de dever tem um bem em si mesmo, logo desemboca em ordens práticas, por exemplo, uma pessoa que faz uso do dever, ela não

vai agir somente em seu próprio benefício, mas vai se lançar em consideração a uma outra pessoa externa a ela.

É importante considerar que na nossa sociedade, constantemente, temos que realizar essas escolhas, tanto por um dever quanto por uma escolha egoísta, sendo que cada uma delas tem o seu peso, pois, afinal, assim como o homem rico, que é dominado pela fortuna, pode cair na soberba e não encontrar a felicidade, de outro modo, ele pode decidir agir por um dever e fazer da sua fortuna um itinerário para felicidade, “Mas, também podemos considerar aqui o dever, todos os homens têm já por si mesmos a mais forte e íntima inclinação para a felicidade, porque é exatamente nesta ideia que se reúnem numa soma todas as inclinações.” (KANT, 2003, p.29)

Contudo, parece que o dever nos leva a uma boa ação, em cada um seja contemplado, sem exclusão, haja vista não ser ele, um valor egoísta e que não considera o próximo, mas sim, que muitas vezes nos leva ao encontro do outro.

É sem dúvida também assim que se devem entender os passos da Escritura em que se ordena que amemos o próximo, mesmo o nosso inimigo. Pois que o amor enquanto inclinação não pode ser ordenada, mas o bem-fazer por dever, mesmo que a isso não sejamos levados por nenhuma inclinação e até se oponha a ele uma aversão natural e invencível, é amor prático e não patológico, que reside na vontade e não na tendência da sensibilidade, em princípios de ação e não em compaixão lânguida. E só esse amor é que pode ser ordenado. (KANT, 2003, P.30)

O gesto de amar para Kant, não é simplesmente gostar ou deixar de gostar de alguém, isso entra em outra esfera. Essa faculdade de amar descrita pelo filósofo adentra no vínculo muito mais íntimo de uma pessoa, ou seja, está relacionado a um bem fazer no que se refere a uma natureza de semelhança; talvez esse seja um valor que construa uma sociedade justa, que deseja e haja para um bem ao próximo, mesmo que seja um inimigo.

Esse gesto nos leva a uma ordem prática que se concretizará na vida de uma pessoa e, então, agora temos uma premissa que nos leva a um princípio que conduz a uma lei universal.

#### **4. Agir Categórico como um Universal**

Nessa pesquisa, demonstrou que o dever é algo *a priori* do ser humano, que nos conduz a uma ação, assim como também à vontade, a um modo objetivo.

A representação de um princípio objetivo, enquanto obrigante para uma boa vontade chama-se mandamento (da razão), e fórmula do mandamento chama-se imperativo. Todos os imperativos se exprimem pelo verbo dever, mostram assim relação com a lei objetiva da razão para a vontade que segundo a sua constituição subjetiva não é por ela necessariamente determinada (uma obrigação). (KANT, 2003, p. 48)

Esses modos objetivos são imperativos que partem do mais íntimo do ser humano até que ele execute sua ação. Dentro dos mecanismos da razão, são os imperativos que vão dar resposta tanto por uma ação da boa vontade quanto do dever. Cada um deles tem uma ordem objetiva tendo cada qual uma definição.

Ora, todos os imperativos ordenam ou hipotéticos ou categoricamente. Os hipotéticos representam a necessidade prática de uma ação possível, como meio para alcançar qualquer outra coisa que se quer, (ou possível que se queira). O imperativo categórico seria aquele que nos representasse uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação qualquer outra finalidade. (KANT, 2003, p.50)

Desse modo, constatamos que a forma como nós interagimos com o mundo tem sempre uma finalidade, a qual vai muitas vezes, a uma atitude egoísta ou a um bem em si mesmo. O agir por imperativos hipotéticos nos leva a uma ordem prática que pode ser simplesmente ao nosso bem estar, ou seja, o desejo de possuir algo sem levar em conta o outro ao meu redor, exemplo já explicitado aqui, é o do homem afortunado, que age somente por honra, boa saúde, no seu bem estar, e que acaba caindo na soberba. Nota-se, pois, o risco de quem age somente pelos imperativos hipotéticos. Já quem age por um imperativo categórico, pensa num bem que contempla o outro, justamente por isso, ele é extremamente necessário, pois se encaminha para a singularidade de cada indivíduo mediante um dever.

Há por fim um imperativo que, sem basear como condição em qualquer outra intenção a atingir por certo comportamento, ordena imediatamente este comportamento. Este é o imperativo **categórico**. Não se relaciona com a matéria da ação e com que dela deve resultar, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva; e o essencialmente bom na ação reside na disposição, seja qual for o resultado. Este imperativo pode-se chamar o imperativo da moralidade. (KANT, 2003, p.52)

O imperativo categórico se baseia em algo que a consciência nos manda fazer, como dar comida a quem tem fome, isso é uma necessidade básica de um indivíduo, e que todo ser humano, sem nenhuma patologia psicológica, é capaz de sentir compaixão quando encontra uma pessoa nessa condição. Estamos diante de um ato moral pelo qual nossa consciência nos ordena por si mesma, sem que tenhamos nenhum outro benefício. Observe-se que não tem um caráter que visa honra, prestígio, ao contrário, é algo que nos faz bem por si mesmo.

Com isso, percebemos que o imperativo categórico tem característica de ordem, de lei, pois valoriza cada indivíduo sem uma atitude egoísta, sua ordem independe de alguma pretensão de privilégio, ela busca uma construção de relações justas, porque dentro dela está o bem comum. Temos um princípio de uma ordem que parte do mais íntimo do ser humano e que vai nos nortear a um universal, ou seja, algo tão necessário no mundo contemporâneo.

Convém lembrarmos de que a exortação apostólica do Papa Francisco denuncia o mundo pragmático, técnico, que tem por objetivo tão somente o lucro. A leitura desse texto nos apresenta uma necessidade latente de um princípio unificado, o qual possa fazer uma humanidade mais unida, que compreenda cada ser humano na sua dignidade.

A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. (PAPA FRANCISCO, 2014, p.52)

Em que pese os grandes progressos do mundo moderno, a realidade nos revela que ainda não há uma sociedade em que outro faça parte do meio, haja vista que as políticas de mercado excluem os mais necessitados, e desse modo, agridem o maior valor de uma pessoa, qual seja, a sua dignidade. Esse modo de agir constitui algo perverso e que deve ser contido e, para tanto, leis se fazem necessárias na construção de uma sociedade que consiga agir por imperativo categórico. Kant, a respeito desse

assunto, afirma a extrema necessidade, “o imperativo categórico, ele que declara a ação como objetivamente necessária por si mesma, independentemente de qualquer intenção, quer dizer sem qualquer outra finalidade vale como princípio apodíctico (prático)”. (KANT, 2003, p.51).

Desse modo, as leis universais são a única possibilidade de futuro para a humanidade, aliás, constituem princípios que devem partir de cada nação, a fim de possibilitar um diálogo.

Uma vez que a universalidade da lei, segundo a qual, certos efeitos se produzem, constitui a que se chama propriamente natureza no sentido mais lato da palavra (quanto à forma), quer dizer a realidade das coisas, enquanto é determinado por leis universais, o imperativo universal do dever poderia também exprimir-se assim: Age como se a máxima da tua ação se devesse tomar, pela tua vontade, em lei universal da natureza. (KANT, 2003, p.53)

Diante de toda a exposição apresentada com esta pesquisa, percebemos que o ato da lei é antes um ato moral, e apesar dela ter por necessidade um âmbito universal, ela não pode perder esse caráter do singular, pois, a partir do momento em ela se torna simplesmente prática, deixa de ser um ato do dever e torna um ato por finalidade. Quando isso ocorre, a lei deixa de preservar a natureza humana e, por consequência, também todo o meio ambiente, assim, ficamos sem referencial daquilo que seja o certo. Com isso, constatamos que um valor básico que nunca pode ser esquecido é o valor de cada pessoa e, por pior que seja seu ato, ela nunca pode ser um objeto ou um meio, mas sim um fim em si mesmo.

Ora digo eu: - O homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, existe como fim em si mesmo, não só como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade. Pelo contrário, em todas as suas ações, tanto nas que se dirigem a ele mesmo como nas que se dirigem // a outros seres racionais, ele tem sempre como de ser considerado simultaneamente como fim. (KANT, 2003, p.68).

## **Conclusão**

Com esse trabalho acadêmico, pretendeu-se demonstrar a partir do pensamento Kantiano, toda a dimensão da racionalidade e que dentro dela está um conjunto de

faculdades humanas, que são justamente o responsável pelo desenvolvimento da humanidade na história.

Dentro dos desenvolvimentos do ser humano está o viver em sociedade. Neste contexto, entra o conjunto de relações do homem, por exemplo, com o trabalho, a economia, as instituições públicas e privadas, o Estado, enfim, com todo o agir humano. A partir disso, nasce a grande necessidade de fundamentar algo que possa organizar todo esse aglomerado de ações. No entanto, essa ação não é tão simples quanto possa parecer, haja vista que nela se adere um conjunto de pequenas atitudes, grandes decisões, e só então, a partir disso, dar sentido ao mundo.

Desse modo, podemos afirmar que, o homem não fixo ou predado, na verdade, é justamente o contrário, ou seja, ele não só constrói suas relações com mundo externo, como também, esse mundo também constrói esse ser humano. Neste sentido, recai na humanidade uma grande responsabilidade, qual seja, a de construir o meio onde vive ou de destruí-lo; isso nos remete a buscar algo que harmonize o nosso meio. Kant mostra que vida prática e uma busca de uma felicidade egoísta não modificam o mundo, ao reverso, pode implicar na exclusão dos mais necessitados de modo a transformar pessoas em objetos.

No pensamento de Kant, um dado que seja universal tem que partir do singular, isto é, do mais íntimo de cada pessoa e, para tanto, ele faz uma investigação de como é o agir do ser humano. Um dos primeiros pontos que ele destaca é a boa vontade, a qual por sua pode ter um caráter externo, ou simplesmente, ser mandado por uma vontade egoísta. Para Kant isso não se revela suficiente para um bem comum, então, ele destaca um dever, sendo algo do mais íntimo de cada pessoa desembocado em algo puro e verdadeiro.

O dever se constitui por bem si mesmo e, segundo Kant ele deve ser emanado do íntimo de cada ser humano e, ainda, passar por ações práticas para um bem agir, constituindo assim, o que o filósofo denomina de imperativo categórico (a abordagem desse contexto ultrapassa a finalidade desse artigo). Esse conceito afirma que cada um deve agir levando um bem, por exemplo, ao próximo, de tal modo que esse valor alcançasse um valor universal, construindo uma sociedade mais justa, fraterna e, com sujeitos autônomos que respeitassem o seu semelhante.

Por fim, a conclusão que chegamos com a análise de parte do pensamento kantiano é que a lei universal é a única possibilidade de futuro para a humanidade,

exatamente por se constituir um princípio que deva ser praticado pelas nações, a fim de que se possibilitem o diálogo e a proteção da dignidade do homem.

## Referências

DOCUMENTO DE APARECIDA. **V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe-CELAN, 2007**. 7 Ed: Paulus: São Paulo, 2008.

FARIAS, Michelle e WALDSON Costa. **Premiado da Mega-Sena que apostou em Maceió fez saque em outro estado**. TV Globo/Gazeta. Alagoas. 03/01/2014 Disponível em: <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/01/premiado-da-mega-sena-que-fez-jogo-em-maceio-fez-saque-em-outro-estado.html>. Acesso: 3 de abril de 2014.

KANT. **Crítica da Razão Prática**, trad. Rodolfo Schaefer. 3 Ed: Maritn Claret, 2012.

\_\_\_\_\_. **A metafísica dos costumes**. Trad. Edson Bini. Bauru: EDIPRO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ideia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita**. 1784.

Disponível em <[http://www.lusosofia.net/textos/kant\\_ideia\\_de\\_uma\\_historia\\_universal.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/kant_ideia_de_uma_historia_universal.pdf)>. Acesso em 014 abr. 2014.

MIRANDA, Gilberto Júnior. **Filosofia Geral**. Disponível em: <[http://filosofiageral.wikispaces.com/Fundamenta%C3%A7%C3%A3o+da+Metaf%C3%ADsica+dos+Costumes++Kant+\(Resenha\)](http://filosofiageral.wikispaces.com/Fundamenta%C3%A7%C3%A3o+da+Metaf%C3%ADsica+dos+Costumes++Kant+(Resenha))>. Acesso em: 28\05\2014

PAPAFRANCISCO. **Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica do Sumo Pontífice**. 1Ed São Paulo: Paulus, 2014.p 52.